



VELHICES

TEMAS EMERGENTES NOS CONTEXTOS
PSICOSSOCIAL E FAMILIAR

Deusivania V. da S. Falcão | Ludgleydson F. de Araújo | Janari da S. Pedroso (Orgs.)



VELHICES

TEMAS EMERGENTES NOS
CONTEXTOS PSICOSSOCIAL E FAMILIAR

organizadores

Deusivania V. da S. Falcão

Ludgleydson F. de Araújo

Janari da S. Pedroso





DIRETOR GERAL
Wilson Mazalla Jr.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Marídia R. Lima

COORDENAÇÃO DE REVISÃO E COPYDESK
Catarina C. Costa

REVISÃO DE TEXTOS
Clarice Villac

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Fabio Diego da Silva
Tatiane de Lima

CAPA
Patrícia Lagoeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Velhices : temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar / organizadores, Deusivania V. da S. Falcão ; Ludgleydson F de Araújo, Janari da S. Pedroso. -- Campinas, SP : Editora Alinea, 2016. -- (Coleção velhice e sociedade)

Vários autores.
Bibliografia.

1. Idosos - Aspectos sociais 2. Idosos - Cuidados 3. Idosos - Psicologia 4. Idosos - Relações familiares 5. Psicologia social
I. Falcão, Deusivania V. da S.. II. Araújo, Ludgleydson F. de. III. Pedroso, Janari da S.. IV. Série.

16-08570

CDD-362.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Idosos : Relações familiares : Bem-estar social 362.6

ISBN 978-85-7516-776-2

Todos os direitos reservados ao

Grupo Átomo e Alinea

Rua Tiradentes, 1053 - Guanabara - Campinas-SP
CEP 13023-191 - PABX: (19) 3232.9340 e 3232.0047

www.atomoalinea.com.br

Impresso no Brasil



Coordenadora

Anita Liberalesso Neri – Unicamp

Membros

Acacia Aparecida Angeli dos Santos – USF
Beltrina da Purificação da Côrte Pereira – PUC SP
Carla Witter – USJT
Célia Pereira Caldas – UERJ
Eduardo Ferriolli – USP RP
Ibsen Bellini Coimbra – Unicamp
Irenio Gomes da Silva Filho – PUC-RS
Maria da Luz Rosario de Sousa – Unicamp
Maria Elena Guariento – Unicamp
Marilene Rodrigues Portella – UPF
Meire Cachioni – EACH-USP
Milton Luiz Gorzoni – FCM Santa Casa de São Paulo
Monica Rodrigues Perracini – Unid São Paulo
Monica Sanches Yassuda – EACH-USP
Olga Rodrigues de Moraes Von Simson – Unicamp
Rafael Dias Moreira – CPqAM/NESC - FioCruz
Rodolfo Herberto Schneider – PUC-RS
Rosângela Corrêa Dias – UFMG
Sílvia Helena Koller – UFRGS
Sofia Cristina Iost Pavarini – UFSCar
Spencer Luiz Marques Payao – FAMEMA
Suzana Carielo da Fonseca – PUC-SP
Vicente Paulo Alves – UCB

Consultores Ad Hoc

- Andrea Lopes – USP
Bernardino Fernández-Calvo – UFPB
Fauston Negreiros – UFPI
Flávia Renata Fratezi – USP
Geraldine Alves dos Santos – Feevale
Henrique Salmazo da Silva – UFABC
Maria do Carmo Eulálio – UEPB
Maria Júlia Kóvacz – USP
Marília Anselmo Viana da Silva Berzins – USP
Marineia Crosara de Resende – UFU
Marisa Accioly Rodrigues da Costa Domingues – USP
Sueli Aparecida Freire – UFU
Tatiana Quarti Irigaray – PUC-RS
Thaís Bento Lima da Silva – USP

SUMÁRIO

Apresentação.....11

PARTE I

Temas Emergentes nos Contextos Socioemocional, Familiar e Cognitivo.....15

CAPÍTULO 1

Atitudes em Relação ao Envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo?17

Maria Clara Pinheiro de Paula Couto e Sibila Marques

CAPÍTULO 2

Suporte Social a Idosos e Funcionalidade Familiar33

Dóris Firmino Rabelo e Anita Liberalesso Neri

CAPÍTULO 3

Idosos Centenários: a importância dos recursos individuais psicológicos
e familiares para o bem-estar49

Dagmara Wozniak e Deusivania Vieira da Silva Falcão

CAPÍTULO 4

Emoções e Envelhecimento: perspectivas emergentes71

Samila Sathler Tavares Batistoni

CAPÍTULO 12

Famíliares Cuidadores de Idosos com Doença de Alzheimer:
a importância de cuidar de quem cuida.....189

*Solange Maria Freire Neumann, Cristina Maria de Souza Brito Dias e
Deusivania Vieira da Silva Falcão*

PARTE III

Temas Emergentes no Contexto da Violência.....207

CAPÍTULO 13

Violência Contra Idosos: características e enfrentamento209

Cirlene Francisca Sales da Silva e Cristina Maria de Souza Brito Dias

CAPÍTULO 14

Práticas Violentas Contra o Idoso na Família: revisão teórica.....229

*Ana Cláudia de Oliveira Bentes, Janari da Silva Pedroso e
Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel*

CAPÍTULO 15

Uma Visão Europeia sobre a Violência contra a Pessoa Idosa241

Fernando Pereira

CAPÍTULO 16

Violência Contra Pessoas Idosas:
um problema antigo para uma abordagem nova253

Evelyn Rúbia de Albuquerque Saraiva e Ludgleydson Fernandes de Araújo

Sobre os Autores267

CAPÍTULO 15

UMA VISÃO EUROPEIA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA

Fernando Pereira

Em Portugal, à semelhança de outros países do mundo, apesar da crescente consciencialização para o fenómeno, poder-se-á dizer que a dimensão e gravidade da violência e dos maus-tratos a idosos é uma problemática insuficientemente interpretada, tanto do ponto de vista da sociedade, que esconde, desvaloriza ou ignora a sua totalidade, como no aspecto científico, com poucos estudos suficientemente abrangentes e sistemáticos. Embora não seja um assunto ‘tabu’ no que concerne àquilo que tem de indigno e ao esforço de alguns atores sociais como as associações, profissionais de saúde, do serviço social e autoridades, continua o desconhecimento do exato nível de prevalência e grau de gravidade da violência e maus-tratos a idosos.

Breve retrato quantitativo sobre os maus-tratos a idosos em Portugal

Em 2011 a Organização Mundial de Saúde apresentou o Relatório Europeu para a prevenção dos maus-tratos a idosos. O documento inclui dois estudos relativos a Portugal, ambos de 2010 e ambos relativos a ocorrências havidas no ano anterior à inquirição.

Tabela 1. Maus-tratos em idosos em Portugal e Europa (valores em %).

Tipo de maus-tratos	Estudo 1a	Estudo 1b			Estudo 2
		Homens	Mulheres	Total	
Psicológico (mental)	19,4	23,7	25,4	21,9	32,9
Físico	2,7	2,2	2,0	2,1	2,8
Financeiro	3,8	9,6	6,6	7,8	16,5
Sexual	0,7	0,8	1,6	1,3	3,6
Negligência	-	-	-	-	9,9
Violação de direitos pessoais	-	-	-	-	12,8
Injúria	0,7	0,0	1,2	0,7	-
Todo o tipo	-	-	-	-	39,4

Estudo 1a – 7 países: Alemanha, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal, Espanha e Suécia; Estudo 1b – Portugal: 656 indivíduos, entre 60 e 84 anos; Estudo 2 – Portugal: 1586 mulheres com mais de 60 anos.

O panorama é deveras preocupante, quer no âmbito europeu, quer português, pois os números são vergonhosamente elevados. Sem destoar muito da média europeia, merece destaque pela negativa, em Portugal, o índice de abuso financeiro dos idosos, algo que já esperávamos intuitivamente, pois, como diremos adiante esse fato deve estar relacionado com os níveis de pobreza das sociedades.

O Estudo 2 centrado apenas nas mulheres revela outra realidade igualmente grave. Comparativamente, salvaguardando os desvios inerentes a tratar-se de dois estudos diferentes, é de registrar o acréscimo muito significativo dos abusos mentais, financeiros e sexuais. O Estudo 1b confirma essa diferença de gênero para o caso dos maus-tratos psicológicos, de natureza sexual e injúria. Nos restantes tipos de maus-tratos a prevalência é mais elevada nos homens idosos. Essas diferenças entre os dois estudos, podem em parte ser reflexo das opções metodológicas seguidas. Isto é, de forma intuitiva, talvez num estudo apenas dedicado às mulheres, como é o Estudo 2, estas se tenham sentido mais à vontade para expressarem a sua situação. Mas, também, não vale a pena determo-nos em demasia sobre essa matéria, pois ambos os estudos são inequívocos quanto à gravidade do problema em Portugal.

Embora sem a especificidade de estudos sobre maus-tratos a idosos, gostaríamos de destacar aqui os dados recolhidos pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2013). Estes dados, recolhidos de forma sistemática e longitudinal, são importantes porque nos dão uma leitura dinâmica da evolução do fenómeno. Os dados relativos ao quinquênio 2008-2012 estão sistematizados no Tabela 2.

Tabela 2. Vítimas de violência doméstica (+65 anos) em Portugal.

Ano	n	%
2008	647	8,2
2009	642	8,4
2010	610	8,8
2011	749	8,6
2012	809	9,0

Fonte: APAV (2013).

Como se pode observar, o número de queixas apresentadas aproxima-se das oito centenas no último ano de registro e observa-se um aumento gradual ao longo do quinquênio, um aumento não muito intenso mas bem consolidado, indicando que a problemática está aumentando de intensidade ou pelo menos está a aumentar no nível de denúncia dos casos, ou em ambas as situações. Esses valores contudo estarão longe de representar com alguma nitidez a realidade dos fatos. Uma conta rápida de divisão dos valores pelo total de cidadãos idosos residentes em Portugal, por exemplo para o ano de 2011, daria uma proporção de idosos que são vítimas de violência de cerca de 0,04%¹. Esse valor, como vimos, é muito inferior aos números observados nos estudos precedentes.

Centrando a atenção nos fatores de risco, as conclusões de ambos os estudos citados, assim como dos dados da APAV indiciam uma grande concordância. O Estudo 1, resumidamente, para os sete países europeus estudados assinala que (Soares *et al.*, 2010): os idosos das faixas etárias superiores estão em menor risco de abuso psicológico, mas estão em maior risco de abuso financeiro; os homens correm maior risco de abuso financeiro que as mulheres; sintomas de ansiedade fazem aumentar todos os tipos de abuso; as debilidades físicas fazem aumentar o risco de abuso psicológico, físico e de injúrias; e, finalmente, o baixo nível de suporte social faz aumentar o nível de abuso psicológico, financeiro e de injúria. O Estudo 2 aponta conclusões no mesmo sentido (Ferreira-Alves & Santos, 2011): as mulheres mais idosas, com maior debilidade física e psicológica, com menores rendimentos e com menor suporte social também estão mais expostas a abusos.

Relativamente aos potenciais agressores, igualmente os estudos são concordantes. O Estudo 1 (Soares *et al.*, 2010) aponta que os companheiros são os responsáveis mais comuns pelos abusos psicológicos, físicos e injúrias. Já os amigos e vizinhos estão associados ao abuso sexual. Quanto a cuidadores profissionais, por vezes são os que praticam o abuso financeiro. Já o Estudo 2 (Ferreira-Alves & Santos, 2011) refere que os companheiros são os principais responsáveis por abusos emocionais, financeiros, sexual e de violação dos direitos pessoais. Quanto à família, os filhos e filhas, genros e noras estão entre os que podem mais associar-se à negligência e ao abuso físico. Outros membros são os segundos principais responsáveis por abuso financeiro; o crime de negligência, abuso físico e financeiro tem alguma expressão no âmbito dos cuidadores profissionais.

Os dados da APAV (2013), por sua vez, apontaram que os perpetradores mais frequentes dos crimes de abusos são os filhos/filhas noras/genros, seguidos dos

1. Para o ano de 2011, seriam: 749 queixas de violência a dividir por 2.010.064 (total de idosos residentes segundo os censos 2011 – INE, 2012) o que daria uma proporção de 0,037%.

respectivos companheiros das vítimas; os autores de crimes encontravam-se majoritariamente na faixa etária a partir dos 65 anos de idade, seguindo-se aqueles que se situam na faixa entre os 45 e os 50 anos de idade.

Fatores de risco de maus-tratos a idosos

Os maus-tratos a idosos, como fenômeno social, estão relacionados com um amplo conjunto de fatores de natureza política, econômica, cultural, social, familiar e pessoal. A tipologia, por nós elaborada, não é exaustiva, e tampouco aspira a tornar-se num modelo referencial (Figura 1).

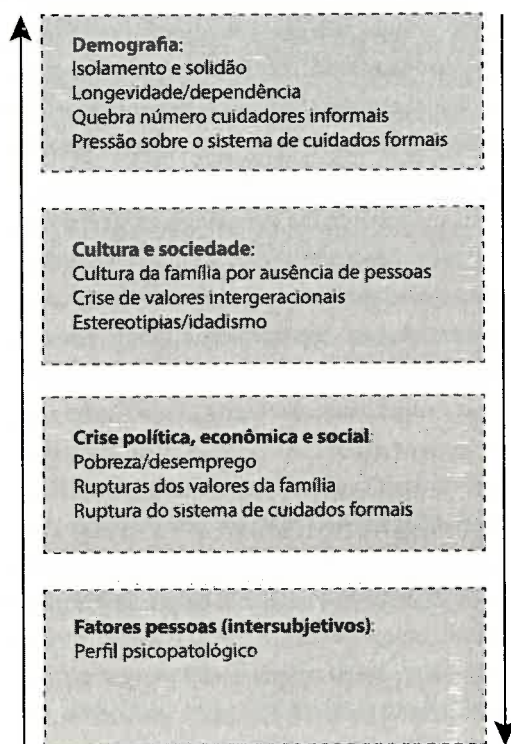


Figura 1. Fatores de risco de violência sobre pessoas idosas.

Pretendemos tão só relacionar um conjunto de fenômenos de origem estrutural ou conjuntural, que podem servir como alerta para a situação de crime de violência sobre os idosos. Almejamos, também, chamar a atenção para a sua profunda interdependência e efeito multiplicador do fenômeno, quer do ponto de vista quantitativo

(prevalência de casos) quer do ponto de vista qualitativo (contornos específicos dos casos). Por esta última razão, no diagrama que concebemos, os quatro fatores principais estão a tracejado e ligados por duas setas em ambos os sentidos, procurando simbolizar a sua interdependência profunda.

Iniciando a nossa exposição pelo fator demografia, gostaríamos de assinalar a sua importância no que diz respeito aos sistemas de apoio à pessoa idosa. Gostaríamos também de assinalar o brutal envelhecimento verificado na maioria dos países europeus e muito particularmente em Portugal (Tabela 3).

Tabela 3. Principais indicadores demográficos com impacto no apoio aos idosos.

Indicadores (Censos, 2011)	Portugal
Número de idosos	2 010 064
Proporção de idosos na população total (%)	19
Índice de envelhecimento (nº)	128,60
Índice de longevidade (nº)	28,80
Índice de dependência de idosos (nº)	22,50
Índice de dependência de jovens (nº)	51,30
Índice de dependência total (nº)	47,86
Índice sintético de fecundidade (2012) (nº)	1,28
Taxa de crescimento natural (%)	-0,17
Taxa de crescimento migratório (%)	-0,36

Fonte: INE (2012).

Todos os indicadores demográficos são de sinal negativo. Mais grave, a evolução destes indicadores demográficos, embora preocupante, não reflete com a nitidez necessária as circunstâncias de âmbito político e social, induzidas no país pela crise bancária em 2008. O impacto desta crise nas economias dos países periféricos da Europa como Portugal, rapidamente se transformou numa crise econômica e social grave que, entre outros efeitos, desencadeou um processo de emigração intenso e seletivo (saem sobretudo os mais jovens e também aqueles com maior nível de qualificações académicas e profissionais) e estancou o processo de imigração jovem para o país. Mais grave ainda, muitos dos novos emigrantes saem sem a perspectiva de retorno ou de qualquer investimento no país de origem, ao contrário do que se verificava na emigração dos anos 1960 e 1970. Dados do INE, relativos a 2012, ilustraram bem esta realidade:

[...] a taxa de crescimento efetivo de valor negativo (-0,52%) devido a valores negativos quer da taxa de crescimento natural (-0,17%) quer da taxa de crescimento migratório (-0,36%); por outro lado o índice de envelhecimento passou de 128 pessoas idosas por cada 100 jovens, em 2011, para 131 pessoas idosas por cada 100 jovens, em 2012 (INE, 2013).

Todos os indicadores demográficos apresentados concorrem para que na atualidade se assista a uma sobrecarga dos sistemas de apoio aos idosos, e que essa sobrecarga seja irreversível e se venha a agravar nos anos vindouros, a julgar pelos indicadores de fecundidade e de crescimento natural e migratório. É fácil perceber as situações de isolamento social e de solidão. Há registros de casais de idosos que vivem isolados em aldeias do interior do país e há imensos episódios de idosos que vivem e morrem sós no meio das multidões das grandes cidades portuguesas. Isolamento e solidão são condições favoráveis a situações de negligência e de desproteção e insegurança que, como se sabe, configuram exemplos de maus-tratos.

A longevidade é também um fenômeno de natureza demográfica, todavia de sinal positivo. Em abstrato, é bom que as pessoas possam viver mais tempo. A longevidade, porém, inevitavelmente, apesar de todos os esforços em termos de promoção da saúde, contribui para o aumento das situações de dependência. Esta por sua vez vai sobrecarregar o sistema de apoio aos idosos, quer o subsistema informal (de natureza familiar sobretudo), no qual se verifica uma diminuição acentuada de cuidadores disponíveis; quer o sistema formal (institucionalização dos idosos), no qual se verificam grandes listas de espera por vagas. Em Portugal, na atualidade, ambos os subsistemas estão sob enorme pressão (Pereira, 2012).

Passando ao fator que designamos de cultura e sociedade, importa assinalar alguns aspetos que afetam de forma direta o sistema de apoio aos idosos. Anteriormente fizemos alusão à quebra do número de cuidadores informais disponíveis, gostaríamos agora de precisar que essa quebra efetiva deve-se sobretudo à questão demográfica e não tanto à ruptura dos laços familiares, de amizade ou de vizinhança, tradicionais da sociedade portuguesa. De fato, e o mesmo é válido para a crise dos valores intergeracionais, como se sabe da sociologia, todos os fenômenos sociais e comunitários, como são a entreajuda e a solidariedade carecem de massa crítica de pessoas suficiente para manter a sua funcionalidade. O que se verifica não é tanto uma ruptura dos valores familiares e de solidariedade, mas sim a ausência física de pessoas para se entreajudarem. Esta ausência física pode ser explicada pela diminuição acentuada do número de elementos da família nuclear e da família alargada, pela diminuição da densidade populacional em algumas áreas do território (interior sobretudo) ou pela simples distância entre as pessoas.

É verdade que as novas tecnologias de comunicação ajudam a manter os laços entre as pessoas que estão distantes e nesse sentido contribuem para a mitigação dos problemas. Todavia o avanço da comunicação virtual via redes sociais e o sistema de telefonia digital não permitem à interação o calor e a vivacidade do face a face, do servir um chá, pousar um cobertor sobre os ombros numa tarde de frio ou levantar do chão o netinho que caiu ao aprender a andar. Obviamente, embora à semelhança da

infância e da juventude, entre perdas e ganhos, a velhice volta a ser uma fase da vida de intensa reconstrução de papéis sociais, as perdas resultantes da diminuição da rede de suporte social, sobretudo de natureza familiar, pode conduzir a situações de carência material e afetiva e ao sofrimento inerente e, igualmente, a formas de maus-tratos.

Ainda dentro do fator cultura e sociedade, devemos mencionar a problemática das estereotipias negativas. As estereotipias acerca da pessoa do idoso, ou da sua condição material, física, cognitiva, têm um efeito devastador na dignidade e autoestima. São indutoras a processos de aprofundamento da dependência e provocam um enorme sofrimento. As estereotipias podem conduzir de modo consciente ou inconsciente a situações de negligência, porque é próprio da idade e outra coisa não se poderia esperar e, portanto, não vale a pena intervir, ou tentar mitigar os problemas, por parte do sistema de cuidados formais e informais. Um exemplo comumente observado e largamente difundido pelos meios de comunicação social, como se de um grande feito se tratasse, são as designadas atividades de animação sociocultural para os idosos. Essas atividades, se não observadas as peculiaridades da pessoa idosa, podem se constituir em processos de infantilização dos idosos, ou de coação dos seus interesses e vontades como é o caso do ‘bombardeamento’ religioso nas instituições, quase sempre como cenários adivinhados que sugerem sentimentos de culpa e medo da morte que se aproxima. O leitor desculpe este desabafo, mas a dimensão destas falhas são tão evidentes e danosas, que todas as oportunidades são boas para alertar a sociedade em geral e a comunidade científica e técnica em particular.

Em um nível mais macro, por vezes, as políticas desenvolvidas para a população idosa constituem-se, elas próprias, como fatores indesejáveis de exclusão social e estigmatização dos idosos por motivo de idade ou idadismo. Em Portugal, há um ditado popular que diz “preso por ter cão e preso por não ter”. A nossa posição não é a de criticar simplesmente as políticas que se destinam a discriminar positivamente os idosos. Nas circunstâncias atuais, que decorrem de tudo aquilo que temos dito, elas são necessárias e ajudam a mitigar muitos problemas. A nossa posição é antes a de que o objetivo último das políticas de inclusão e de desenvolvimento social se deve referenciar, quiçá utopicamente, pelo objetivo da inclusão plena. Isto é, que o nível de desenvolvimento e de coesão social dispense a necessidade de medidas de discriminação positiva dos idosos e de todos os grupos sociais. Quiçá utópico, mas desejável.

Passando ao fator crise política, econômica e social, já vimos os seus efeitos demográficos refletidos, sobretudo, na baixa natalidade e na emigração, isto é, no efeito negativo sobre o saldo de variação populacional natural e migratório. Importa agora aludir ao seu efeito sobre a pobreza, sobre a ruptura dos laços familiares e do sistema de cuidados formais institucionalizados. Relativamente à pobreza, infelizmente,

a situação recente de Portugal no período pós-crise de 2008 desencadeou o aumento brutal do desemprego e a baixa generalizada dos rendimentos advindos de salários, aposentadorias ou subsídios de diversas ordens, diminuindo o nível de rendimento de muitas pessoas, por vezes, responsáveis pela manutenção de famílias inteiras. Há menos recursos para atender a todos e, por consequência, também às pessoas longevas. Há casos em que as famílias retiram os idosos das instituições de longa permanência em que estão residindo para voltarem ao lar, não porque isso seria a prática correta e desejável, mas sim porque dessa forma os rendimentos do idoso entram na totalidade do orçamento familiar. Isso é devastador para as pessoas e é uma vergonha para a sociedade portuguesa como um todo e, em especial, para os nossos governantes e os poderes a que esses representam, que não sabem, ou não querem, fazer melhor sua tarefa administrativa.

Não se deve fazer uma relação direta entre pobreza e maus-tratos a idosos, mas sabe-se que a pobreza está quase sempre associada a situações de disfuncionalidade familiar e comunitária. Por outro lado, a pobreza, na sua forma de política meramente economicista, conduz também à degradação da qualidade de resposta dos serviços públicos. No campo da saúde, da segurança social, ruptura do sistema de cuidados formais, da justiça e da educação, já há sinais claros da escassez de recursos e consequências danosas a curto, médio e longo prazo. Dito de outra forma, nesses serviços, a parca poupança de hoje representará uma enorme despesa no amanhã, quer em termos materiais quer em termos de sofrimento humano.

Por fim, os fatores pessoais intersubjetivos de natureza agressiva, como os resultantes de problemas mentais, emocionais e outros traços psicopatológicos (Dias, 2005). Sabe-se também que esses traços de caráter podem ser adquiridos ou estimulados pela exposição a situações de natureza diversa, designadamente: de disfuncionalidade familiar que incluem maus-tratos e outras formas de violência física e ou psicológica; da aquisição de comportamentos aditivos; da sobrecarga do cuidador de idosos, sobretudo de situações-limite da tarefa do cuidar, da insatisfação com as condições laborais no caso dos cuidados formais, da preparação inadequada para a prestação de cuidados.

Como foi observado, na explicação aos fatores mencionados no diagrama, frequentemente, interligamos vários desses fatores. Isto, pensamos, deve ser sinal da profunda interdependência entre eles e da vantagem em os interpretar de forma interligada e dinâmica.

A terminar esta exposição sobre os fatores de maus-tratos a idosos, gostaríamos de invocar o pensamento de dois filósofos nos quais encontramos um ponto de interesse para o tema que estamos a discutir. O primeiro é da autoria do filósofo, humanista italiano Giovanni Pico Della Mirandola (1463-1494) que dizia: “[...] Não

te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, para que tu, livremente, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria". O segundo pensamento é da filósofa alemã de origem judaica Hanna Arendt (1906-1975), conhecido como a "banalidade do mal", ideia de que o ser humano é capaz de realizar atos malévolos quando convencido de que tal é justificado por um desígnio superior de origem ideológica, societária, cultural, ou outra, e pensar que está a atuar de forma correta.

Esses pensamentos, aparentemente antagônicos, podem se unir se estivermos pensando na proteção dos outros, sobretudo dos mais vulneráveis como acontece em muitos casos com as pessoas idosas. O primeiro pensamento apela diretamente à responsabilidade individual. Responsabiliza-nos. Os outros ou as outras coisas, em abstrato, sejam de origem divina ou natural, física ou metafísica, jamais explicam, na totalidade, aquilo que somos ou fazemos. Em última instância somos sempre responsáveis por nós mesmos e pelos nossos atos. O segundo pensamento alerta para o risco sempre presente de podermos estar procedendo muito mal, inconscientemente, ou convictamente de que estamos agindo bem. Poderia dar vários exemplos em que a invocação destes pensamentos se aplica diretamente à interação com os idosos. Todavia, não os vou dar, porque pretendo que o leitor faça essa transposição, por si só, à luz da sua própria existência e visão de mundo. O encontro entre estes dois pensamentos é muito sutil e o que é sutil não carece de explicação.

E um manto de invisibilidade repousa sobre a questão

A questão dos maus-tratos a pessoas idosas está envolta num manto de invisibilidade que dificulta a identificação, mitigação e prevenção do problema. Este manto de invisibilidade é uma trama tecida com vários fios. O fio da dificuldade em conceber e aplicar instrumentos de pesquisa que permitam obter dados sistemáticos, abrangentes e fiáveis, de natureza quantitativa e qualitativa. É um problema que se coloca, em primeira instância, à investigação científica e à comunidade técnica dos serviços/respostas sociais diretamente envolvidos, como: a segurança social, a segurança dos cidadãos e a justiça.

O fio da própria definição do problema. A literatura científica e técnica usa expressões várias como: maus-tratos, violência, abandono, negligência etc., fato que indicia desde logo a sua complexidade. Neste sentido a definição proposta pela Organização Mundial de Saúde (2002), já referida, parece-nos suficientemente abrangente e inclusiva da maioria das dimensões e meandros do problema. A violência (é esta a expressão escolhida) contra as pessoas idosas é definida como: A ação única ou

repetida, ou a falta de resposta adequada, que causa angústia ou dano a uma pessoa idosa e que ocorre dentro de qualquer relação onde exista uma expectativa de confiança.

Por fim, o fio da resiliência e capacidade de sofrimento das pessoas. Num estudo recente sobre o suporte social e o nível de satisfação com a vida em idosos de uma cidade do norte de Portugal (Cunha, Lopes & Pereira, 2013), os autores concluem que, pese embora, os idosos afirmarem ter bons níveis de suporte social e de satisfação com a vida, não deixam, nas entrelinhas das respostas às categorias, de fazer comentários, por vezes pungentes, que indiciam grande sofrimento sobretudo de natureza afetiva. Questões relacionadas com o afastamento geográfico de alguns familiares e de algumas relações marcadamente materialistas e instrumentais emergiram deste estudo. Isto é muito importante, porque, obviamente, nem todo o sofrimento, privação ou desconforto é reportado na forma de estudos quantitativos, ou estatísticas. Em relação a isto, deve ser levada em conta a reconhecida, embora não mensurada de forma inequívoca, capacidade de sofrimento e resiliência de muitos idosos portugueses, que atravessaram e sobreviveram a muitos momentos de privação e de provação da nossa história recente. Observamos que para várias pessoas, há muito conformismo com a vida, algo que é bem traduzido pela expressão popular do “come e cala”, embora, quando em contextos mais reservados e íntimos, haja a tendência para se desfiar o rosário de lamentos.

Considerações finais

As ideias que desenvolvemos no presente capítulo acerca da problemática dos maus-tratos a idosos evidenciam a natureza complexa, melindrosa e esquivada do problema. As estatísticas apresentadas convergem para a conclusão de que se trata, sem dúvida, de um problema que se coloca à sociedade como um todo e à comunidade científica e técnica em particular. Destacamos a importância da rede de suporte social na identificação precoce de situações de maus-tratos, negligência e abuso psicológico, e o seu papel em estratégias de mitigação desta problemática desumana e criminosa.

Questões para reflexão

1. As Políticas Públicas podem encobrir questões relativas a preconceitos relacionados à idade, que tensionam a teia de violência?
2. Uma sociedade mais envelhecida conscientizará ou perversamente culpabilizará os mais velhos por problemas econômicos?

3. Redes de suporte social menores, serviços públicos pouco continentares quanto às demandas de um mundo mais velho. Como fomentar redes de atenção que integrem efetivamente o cuidado formal, advindo de instituições, com o sistema informal?
-

Referências

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV] (2013). *Estatísticas APAV-Relatório Anual 2012*. Lisboa. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa>>. Recuperado em 27 jan. 2014.
- Cunha, L., Lopes, M., & Pereira, F. (2013). *Papel da educação para a promoção do suporte social e nível de satisfação com a vida*. Paper presented at the La crisis social y el Estado del Bienestar: Las respuestas de la Pedagogia Social, Oviedo.
- Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra os idosos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15 (1), 249-273.
- Ferreira-Alves, J., & Santos, A. J. (2011). *Prevalence Study of Abuse and Violence Against Older Women – Portugal Report*. Portugal: Universidade do Minho, Braga.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2012). *Censos 2011*.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2013). *Estatísticas Demográficas 2012*. Lisboa.
- Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002). *The Toronto Declaration on the Global Prevention of Elder Abuse*. Genebra.
- Organização Mundial de Saúde [OMS] (2011). *European report on preventing elder maltreatment*. Copenhaga.
- Pereira, F. A. (2012). Sistemas de apoio aos idosos em Portugal. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e prática da gerontologia. Um guia para cuidadores de idosos* (pp. 119-128). Viseu: Psicossoma.
- Soares, J., Barros, H., Torres-Gonzalez, F., Ionni-Kapoulou, E., Lamura, G., Lindert, J., & Stankunas, M. (2010). *Abuse and Health Among Elderly in Europe*. Kaunas: Lithuanian University of Health Sciences Press.

Clínicas e graduada em Psicologia Clínica pela ESUDA. Especialista em Gerontologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Gerontóloga titulada pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Coordenou o PROATI (Programa de Apoio à Terceira Idade) e é membro da coordenação do fórum sobre questões do envelhecimento – Unicap.

Cristina Maria de Souza Brito Dias

Professora adjunta aposentada da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora adjunta do Programa de Pós-graduação e Graduação em Psicologia e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap. Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília – UnB. Graduada em Psicologia pela Unicap. Especializou-se em terapia familiar e de casal e fez residência clínica na Clínica Pinel, de Porto Alegre. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Dagmara Wozniak

Doutora em Psicologia e mestre em Gerontologia pela Universidade de Heidelberg (Alemanha). Graduada em Psicologia pela Universidade de Wrocław (Polônia).

Dóris Firmino Rabelo

Professora adjunta do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Doutora em Educação e mestre em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Edson Júnior Silva da Cruz

Doutorando e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Bacharel em Serviço Social pela mesma universidade. Graduado em Psicologia pela Universidade da Amazônia. Membro do grupo de trabalho Família, Processos de Desenvolvimento e Promoção da Saúde da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia – ANPEPP.

Evelyn Rúbia de Albuquerque Saraiva

Professora associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Doutora e mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela mesma universidade. Graduada em Psicologia (Licenciatura/Formação) pela Faculdade de Filosofia do Recife.

Fernando Pereira

Professor adjunto do Instituto Politécnico de Bragança (Portugal). Doutor em Sociologia, mestre em Extensão e Desenvolvimento Rural e graduado em Engenharia Zootécnica pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD.

Josevânia da Silva

Professora adjunta do Programa de Pós-graduação e Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Professora Titular do Departamento de Psicologia do Centro

“Uma sociedade como a atual, em que aumenta a população envelhecida, demanda conhecer diversidades que até recentemente eram pouco discutidas. A presente obra aborda de forma clara, concisa e bem-estruturada, as heterogeneidades mais emergentes da velhice e do envelhecimento humano, bem como ilumina problemáticas importantes enfrentadas pelas pessoas idosas. Assim, auxilia não apenas os profissionais que atuam nessa área a compreenderem as novas realidades dessa etapa da vida, mas também o público em geral, uma vez que traz à tona necessidades presentes e futuras inerentes ao processo de envelhecer”.

Bernardino Fernández Calvo
(Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

“Velhices, plural instigante trazido, nesta obra, com o arrojo da atualidade que inova, esclarece e avança, acompanhando a celeridade das transformações que vivemos em perplexidade e esperança”.

Ligia Py
(Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

*“O livro **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar** dá-nos o privilégio de reconhecer a expressão e a diversidade do desenvolvimento humano, de forma atualizada e contextualizada. Novos temas são abordados com propriedade e despertam o interesse pela leitura e estudo da obra como um todo. Trata-se de uma leitura que permite aprender mais sobre o ser humano e a sua própria vida e futuro”.*

Silvia Helena Koller
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

“Esta obra busca aprofundar-se em temáticas pouco exploradas, porém atuais e relevantes para a compreensão da heterogeneidade da velhice. Escrita por um seleto grupo de especialistas, é leitura obrigatória àqueles que desejam dedicar-se ao entendimento dos contextos psicossocial e familiar dos idosos”.

Sofia Cristina Iost Pavarini
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

www.atomoalinea.com.br

VISITE NOSSO WEBSITE

ISBN 978-85-7516-776-2



9 788575 167762